

Cartografia na obra de João Ubaldo Ribeiro: Mapa Virtual

Profa. Dra. Maria da Conceição Pinheiro Araujo (IFBA/Salvador)

Resumo:

Os formatos de leitura, informação e pesquisa, ao longo dos anos, têm mudado de forma rápida e constante, obedecendo aos avanços da área conhecida como Tecnologia da Informação. Nesse sentido, observa-se a criação de novos dispositivos de armazenamento de conteúdos necessários para a discussão no campo acadêmico e social. No cenário contemporâneo, o trabalho de pesquisa deve acompanhar as tendências atuais de armazenamento de dados e letramento digital, de forma que atinja um raio de público maior, e gere mais aplicações nos diversos meios sociais que carecem deste tipo de conteúdo. Assim, nesta comunicação apresento um projeto de pesquisa que desenvolvo, junto com um bolsista IC, no IFBA\SSA que pretende mapear os principais espaços onde são ambientados os romances de João Ubaldo Ribeiro, utilizando novas ferramentas digitais como o Google Maps e o Google Earth, estabelecendo um diálogo entre a Geografia e a Literatura. Na obra de João Ubaldo Ribeiro, como de outros autores, a exemplo de Jorge Amado, podemos perceber boa parte das relações sociais que permeiam as tramas. Ao mapear os principais lugares em que ocorrem as tramas e lançá-los em ambiente digital o leitor terá a oportunidade de visualizar quais são estes espaços, questionar e problematizar as suas funções dentro da história. Desse modo pretende-se propor uma Leitura literária do Espaço Geográfico na obra de João Ubaldo Ribeiro, tendo como aporte teórico o campo da Geografia Literária que estabelece relações intrínsecas entre a literatura e a geografia pensando lugares e localizando narrativas memorialísticas, particularmente propondo o resgate da Cultura, História e Memória visual, cultural e imagética das localidades dos municípios de Itaparica e Vera Cruz que aparecem na obra do referido escritor itaparicano.

Palavras-chave: literatura, geografia, tecnologia

Onde situar, na geografia literária baiana, a figura ímpar de João Ubaldo Ribeiro? “Setembro não tem sentido” pretende ser a história de uma geração, é sobretudo a revelação de um romancista que, logo depois, nos daria um espantoso romance, “O Sargento Getúlio”, seguidos das novelas de “Vencecavalos e o Outro Povo”. Esse escritor nascido em Itaparica, do coito dos heróis da Independência com as sereias, invadiu o território literário de Sergipe e o engrandeceu. Uma estrela solitária, um revolucionário do romance, um clássico. (AMADO, 1977, p. 38)

Parte significativa da obra de João Ubaldo Ribeiro é baseada na representação literária de um espaço geográfico, a ilha de Itaparica, tema social das narrativas que vão integrá-lo a partir de uma perspectiva dialética entre sua dimensão real e sua dimensão simbólica. A imagem da ilha é privilegiada pelo autor em sua busca de representação do mundo no texto: ou as narrativas

reconstruam esse espaço, insistindo nas semelhanças com a realidade, embora sem se restringir a uma representação realista (Viva o povo brasileiro, O sorriso do lagarto, Miséria e grandeza do amor de Benedita, O albatroz azul), ou assumem deliberadamente o caráter imaginário de sua construção (O feitiço da ilha do pavão). (GODET, 2011, p.577)

Como se não bastasse, em frente à cidade do Salvador está a Ilha de Itaparica, toda ela uma praia deslumbrante – o trecho de Mar Grande é um esplendor. A Ilha está ligada à capital por um navio diário, dois ferry-boats, lanchas e saveiros. A viagem vale a pena, ninguém deve deixar de fazê-la. (AMADO, 1977, p. 85)

Na perspectiva de trazer uma discussão em torno dos estudos comparados, entendendo esse termo como uma abertura para propostas de discussões das mais variadas, pretende-se, a partir da citação acima, evocar um tema recorrente na literatura: o espaço geográfico. Este texto é resultado de alguns semestres ministrando aulas em um curso de Licenciatura em geografia no IFBA\SSA. Convocada, em 2011, para assumir as turmas de licenciaturas que ora se iniciavam no instituto, logo, pensei em como incitar discentes de um curso noturno a ler literatura. Imediatamente pensei numa proposta interdisciplinar, ou seja, um tema que pudesse provocar interesse. Conversei com alguns colegas e surgiu a ideia de centrar a leitura no tema do espaço geográfico. Apresentei a proposta aos discentes e desde essa primeira turma, os resultados tem sido bastante positivos. Iniciamos estudando a obra de Jorge Amado, Adonias Filho, Euclides da Cunha e Aleilton Fonseca. Em 2012, focalizamos a obra de Jorge Amado, por conta do centenário do escritor grapiúna e iniciamos os estudos sobre a obra de João Ubaldo Ribeiro. Ao final de 2012, submetemos, ao edital Fapesb 009\2012, um projeto intitulado “João Ubaldo Ribeiro da Baía de Todos os Santos e de Todos os lugares”, focalizando na questão do espaço geográfico mas tendo como perspectiva maior a criação de um centro de pesquisa da obra do autor itaparicano. Assim, uma proposta de disciplina de caráter interdisciplinar, transformou-se em um projeto de pesquisa que cresce a cada dia.

Mas, é claro, essa discussão em torno da Geografia e da Literatura não é nova. Um livro publicado em 1961, intitulado *Geografia Literária* de Mauro Mota, traz uma interessante afirmação: “... a literatura é o caminho, e dos mais sedutores, para a Geografia” (MOTA, 1961, p.93). Antonio Dimas, em *Espaço e Romance* (1985), afirma: “Entre as várias armadilhas virtuais de um texto, o espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura, etc.” (DIMAS, 1985, p. 5). Dimas vai mostrando, ao longo do livro, como importantes escritores nacionais e estrangeiros usaram o espaço em suas obras e sugere como exemplos fundamentais para o estudo do espaço na obra literária Zola e Aluísio Azevedo, acrescentando um ensaio de Antonio Cândido, intitulado “Degradação do espaço” (1972). O livro “O espaço geográfico no romance brasileiro” (1993) apresenta 5 estudos sobre o espaço geográfico no romance, focalizando 5 estados do Brasil, pela obra de autores representativos: Jorge Amado (Bahia), Guimarães Rosa (Minas Gerais), Érico Verríssimo (Rio Grande do Sul), José Lins do Rêgo (Alagoas) e Milton Hatoum (Amazônia). Destaco uma citação de Judith Grossman em um dos ensaios do livro:

O espaço é estrutural na obra literária, porque ela é espaço.

O espaço, por sua vez, pode encontrar-se mais ou menos tematizado, e em Suor ele é o próprio tema. Cidade da Bahia. Calor. Suor. Caminha-se do suporte espacial para a sua invenção e a sua mitificação. Tudo aqui é clima, um atmosfera, mistério, e tudo isso se irá adensando e se tornando orgiástico, dionisíaco, para dentro da obra amadiana. (GROSSMANN, 1993, p.15)

Posteriormente, em 2008, Lizir Arcanjo Alves, lança o livro “A cidade da Bahia no romance de Jorge Amado: dicionário topográfico” como resultado de pesquisas no acervo da Fundação Casa de Jorge Amado. Este é um trabalho de referência para quem estudo a questão do espaço geográfico na obra literária. A pesquisadora baiana apresenta um levantamento topográfico nos romances que ficcionalizam a cidade de Salvador. Em 234 páginas, Lizir, elenca 186 topônimos que resgatam importantes e tradicionais espaços da cidade da Bahia, apresentando localização, aspectos históricos e culturais, informando a obra e página onde o espaço é referido e as relações dos personagens com os espaços destacados. A pesquisadora resgata informações sobre a cidade de Salvador, destaque para o registro do nome oficial da cidade, Cidade de São Salvador, em confronto com a opção adotada por Amado, em seus romances, simplesmente, Bahia. Assim diz a pesquisadora no introdutório ao dicionário: “Este dicionário procura apresentar em seu conjunto e em detalhes a cidade que Jorge Amado viu e recriou em doze dos seus romances...” (ALVES, 2008, p.8-9). Lizir adverte o leitor de que a cidade apresentada pelo dicionário não é a cidade atual mas sim a cidade que Amado registrou a partir da sua memória e da temporalidade da sua existência. É, ainda, a pesquisadora quem nos fornece o principal objetivo da obra:

O que mais importa, contudo, é conhecer qual a cidade que Jorge Amado descreve, reescreve e recria, o que não é difícil de compreender, porque tudo anda muito bem explicado ao longo da obra e, especialmente, em *O Sumiço da Santa*, romance este que, segundo ele afirma, só poderia ter acontecido na Bahia, daí porque lhe deu o subtítulo de “romance baiano”. (ALVES, 2008, p. 10)

Em termos de textos literários que ficcionalizam a Bahia, e particularmente Salvador, faço recorte para duas obras. A primeira, publicada em 1945, “Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios”, de Jorge Amado. Nesta obra, Amado apresenta ao leitor um exemplar guia de visita à cidade de Salvador, exaltando a beleza da cidade em confronto com sua extrema pobreza. O leitor/visitante é convidado a conhecer os famosos Terreiros de Candomblés da Bahia, O Mercado das Sete Portas, as Igrejas, a prostituição da ladeira do Taboão, A cachaça da cidade de Santo Amaro as abadessas do Convento do desterro, os Salões Literários, a Praça Castro Alves, a derrubada da Igreja da Sé, Igreja do Bonfim, a história da reconstrução da Conceição da Praia, a importância da Igreja do Rosário dos Pretos, O Museu de Arte da Bahia, O Largo do Pelourinho, entre outros espaços. O romancista reconstituiu um ambiente sócio-cultural e religioso de uma Bahia que, hoje, vive ficcionalmente na memória do povo baiano.

Em 2000, 55 anos após a publicação do livro de Amado, Tasso Franco lança um livro sob o título “A cidade da Bahia: Crônicas”. O autor apresenta 25 histórias que tematizam a cidade de Salvador. Na abertura do livro, Myriam Fraga, no texto “Crônicas bem humoradas da Bahia”, sintetiza o livro:

O Porto da Barra, o Porto dos Tainheiros, o Farol, os bares e restaurantes frequentados por jornalistas, intelectuais e boêmios, que faziam da vida noturna de então um aprendizado de bem viver e conviver; as tortuosas ruas do Centro, a península de Itapagipe com seus moradores, seus usos e costumes tão peculiares, a Barroquinha e a turma de ouro do Jornal da Bahia; a Cantina da Lua, do mestre Clarindo, com sua eterna elegância envolta em impecáveis ternos brancos; a benção do Terreiro de Jesus, que ainda era uma manifestação espontânea do povo, e não uma festa para turistas. E tantos e tantos espaços de nossa mitologia urbana são retratados com traços leves por esse jornalista-escritor que, observando com olhar de repórter, consegue fixar os limites de um mapa que recorta, com amorosa nitidez, o contorno de uma Bahia que vai cada vez mais se perdendo, soterrada pelo tempo e pelo esquecimento, atropelada pelo “progresso” que destrói e impede coisas tão simples e tão prazerosas, como andar a pé de madrugada pelas ruas outrora tranquilas, comer um mocotó nos fins de noite, no restaurante de Bia, ou ver o sol nascendo sobre o mar, depois de uma noite de boemia no velho Garerê de Amaralina. (FRAGA, 2008, p. 8-9)

Toda obra literária precisa ser ambientada em um espaço, seja ele real ou ficcional, como bem afirma Rita Godet na citação que inicia esse texto. É, certamente, lugar comum dizer que sempre que lemos nos reportamos a algum espaço real ou imaginário. Quando lemos uma narrativa, no início da nossa história de leitura, uma das coisas que mais nos impressionam são os lugares por onde os personagens deslocam-se. Para leitores que se encontram em situação economicamente desfavorável, as narrativas, em termos de espaço geográfico, são, em muitos casos, a única possibilidade de conhecer mundos “nunca dantes navegados”. E esta não é uma assertiva particular mas expressão de muitos depoimentos de discentes leitores do curso de Geografia, noturno.

Sobre esse aspecto, é, ainda, Mauro Mota quem nos diz:

Quanto ao Brasil, é o caso das primeiras descrições de navegantes, aventureiros, missionários, autoridades e alguns cronistas. Sem eles, nada saberíamos de exato sobre a terra e o homem brasileiro nos primeiros tempos. Nas suas cartas, relatórios e impressões de viajantes, encontramos a Geografia sempre literária da colônia e a que fixa os nossos recursos naturais e o desenvolvimento da nossa civilização. (MOTA, 1961, p. 96)

Pensar uma forma de transformar essas leituras em textos acadêmicos foi a primeira pretensão mas, após os primeiros resultados positivos, construímos um projeto de IC para discentes do curso de Licenciatura em Geografia, interessados na pesquisa.

Os formatos de leitura, informação e pesquisa, ao longo dos anos, têm mudado de forma rápida e constante, obedecendo aos avanços da área conhecida como Tecnologia da Informação. Nesse sentido, observa-se a criação de novos dispositivos de armazenamento de conteúdos necessários para a discussão no campo acadêmico e social. No cenário contemporâneo, o trabalho de pesquisa deve acompanhar as tendências atuais de armazenamento de dados e letramento digital, de forma que atinja um raio de público

maior, e gere mais aplicações nos diversos meios sociais que carecem deste tipo de conteúdo. Assim, o projeto pretende mapear os principais espaços onde são ambientados os romances de João Ubaldo Ribeiro, utilizando novas ferramentas digitais como o Google Maps e o Google Earth, estabelecendo um diálogo entre a Geografia e a Literatura.

Na obra de João Ubaldo Ribeiro, como de outros autores já citados, podemos perceber boa parte das relações sociais que permeiam as tramas entremeadas por um espaço, real ou ficcional, que as conectam. Ao mapear os principais lugares em que ocorrem as tramas e lançá-los em ambiente digital, oportunizaremos o leitor a visualizar quais são estes espaços, questionar e problematizar as suas funções dentro da história. Desse modo, pretende-se propor uma Leitura literária do Espaço Geográfico na obra de João Ubaldo Ribeiro, tendo como aporte teórico o campo da Geografia Literária que estabelece relações intrínsecas entre a literatura e a geografia, pensando lugares e localizando narrativas memorialísticas, particularmente propondo o resgate da Cultura, História e Memória visual, cultural e imagética das localidades dos municípios de Itaparica e Vera Cruz que aparecem na obra do referido escritor itaparicano.

Jorge de Souza Araújo, em *Floração de Imaginários: o romance baiano no séc. 2*, busca fazer um apanhado geral e análises críticas sobre obras literárias produzidas na Bahia durante o séc. 20, e, entre estas obras, analisa 6 das obras de João Ubaldo Ribeiro escolhidas para o corpus da pesquisa, e destas análises reproduzo aqui algumas afirmações importantes que confirmam a interrelação entre literatura e espaço geográfico.

Em *Setembro Não Tem Sentido* (1968), primeira obra de João Ubaldo Ribeiro, Jorge de Souza Araújo (2008), destaca o uso que Ubaldo faz das ruínas da cidade de Salvador como pano de fundo das narrativas que apresentam uma comunidade de personagens marginais, vivendo numa sociedade confusa, após o governo de Jânio Quadros: “A geografia e sociologia da cidade de Salvador (*Ah, as putas, através da mijação perpétua da Misericórdia!* – Cit, 130)” (ARAUJO, 2008, p. 248).

A narrativa *Sargento Getúlio* (1971), ambientada em Aracaju, pendula entre o heroísmo e a tragédia, buscando sempre confirmar a identidade do espaço geográfico narrado. *Vila Real* (1979), narrado de maneira a funcionar como depoimento sobre a problemática dos excluídos do nordeste, faz, conforme Araújo, alusão à Canudos. Narrativa em que:

Espaço, tempo, memória e ação geográfica/histórica projetam-se numa ilusão do real.

(...) No romance de João Ubaldo Ribeiro, espaço geográfico/histórico/social, memória e ilusão do real se fragmenta dispersados no pano de fundo da realidade histórica (ARAUJO, 251)

Sobre *O Sorriso do Lagarto* (1989), Jorge afirma: “(...) É romance de costumes ambientado na Ilha de Itaparica, apoiado no formato alegórico e no encadeamento linear das ações.” (ARAUJO, p. 256), acrescentando que: *A Ilha infestada de males crônicos, como a contaminação ambiental e a falência na saúde, é metonímica do Brasil das doenças alegóricas*. E ainda: (...) *A ilha se traveste em arquitépago de mistérios, resultando em crimes, assassinatos, violências étnicas* (...). (ARAUJO, p. 258)

Analisando *O Feitiço da Ilha do Pavão* (1997), Jorge Araújo apresenta as seguintes assertivas:

À denúncia de nossos males mais profundos, o romance adensa metonimicamente a Ilha de Itaparica no formato alegórico da fantasia histórica – sem a pretensão alienada da neutralidade.

(...) Junto com a preservação ecológica da Ilha, defendida como um

concerto paradisíaco e paradigmático de reserva ética e nicho natural, O feitiço da Ilha do pavão reúne o natural ao cósmico.” (ARAUJO, p.258-259)

Sobre o *Diário do Farol* (2002), Araújo afirma:

Na Itaparica mítica, o narrador-protagonista preserva uma espécie de casamata no morro dos novos Heatclifs uivantes de ira contra a humanidade conformada (ARAUJO, p. 260)

A ficcionalização do espaço geográfico, no corpus escolhido para pesquisa, amplia-se da Ilha de Itaparica para outras localidades, tanto de Vera Cruz (Manguinhos, Amoreiras, Baiacu, etc) quanto de cidades circunvizinhas tais como: Salinas, Maragojipe, Nazaré das Farinhas, Cachoeira, S.Fèlix, etc). Também são citados espaços tradicionais da cidade de Salvador: Largo 2 de Julho, Campo Grande, Ladeira da Conceição da Praia, Praça da Piedade, Alagados, Avenida Princesa Isabel, Praça Castro Alves, Ribeira, Largo 2 de Julho, Rua Chile, Jardim da Piedade, Liberdade,

Pelourinho, Avenida Sete, Carlos Gomes, Praça Cairú, bem como cidades representativas da Bahia: Arraial do Belo Monte, Canudos, Cocorobó, Paulo Afonso, Juazeiro. O Nordeste Brasileiro aparece representado pelas cidades de: Fortaleza, Sergipe, Petrolina, Penedo, Propriá, Petrolina, Crato, Campina Grande, Arapiraca, Estância, Recife. Na região Sul destaque para o Rio Grande do Sul. Outros países e cidades aparecem representados: Portugal, África, Inglaterra, França, Paraguai, particularmente em *Viva o Povo Brasileiro* (1984). Veneza, Gênova, África, Timor Leste, em *O Feitiço da Ilha do Pavão* (1997). O Vaticano, em *Diário do Farol*; Inglaterra, Rússia, em *Setembro não tem sentido*.

Os 7 (sete) livros (5 romances e 2 livros de crônicas) de João Ubaldo Ribeiro, escolhidos para criação dos mapas virtuais registram espaços reais que se deslocam desde a Bahia até outros países. No caso específico da Bahia, há uma insistência em localizar a Ilha de Itaparica. Segundo Rita Godet:

O território da Ilha ficcionalizado engloba, de fato, territórios identitários múltiplos. Além disso, a escolha de um lugar que desempenhou um papel fundamental na formação da sociedade brasileira, em especial no que se refere aos acontecimentos da luta pela independência política do país, torna possível a projeção de uma construção histórica que a narrativa vai se empenhar em questionar.

Além da Ilha de Itaparica e a região do Recôncavo baiano serem lugares em que ocorreram acontecimentos marcantes da história do país, sua dimensão simbólica está reforçada pelo fato de estarem na origem das primeiras inscrições poética da natureza brasileira. Tanto o poema Ilha de Maré de Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711) como o de Manuel de Santa Maria Itaparica (1953) Descrição da Ilha de Itaparica tomam esse espaço do Recôncavo como referência e deixam marcas nas descrições literárias da natureza brasileira.

(GODET, 2011, p. 579)

Os livros de João Ubaldo Ribeiro estudados possuem uma forte conotação espacial, e os locais escolhidos para as tramas têm importância vital no desenvolvimento de toda a história, não podendo ser dissociados ou esquecidos em momento algum. Devido a este fato, se faz importante lançar um novo olhar sobre a literatura Ubaldiana para poder extrair novos elementos para uma análise mais profunda e rica, pautada sobre os conceitos de uma ciência multifacetada, que é a Geografia. Neste sentido, Franco Moretti (1997) dá a

justificativa para este tipo de estudo, afirmando que *a Geografia é uma força ativa, que impregna o campo literário e o contorna em profundidade.*(p.13). Desse modo, o projeto está sendo executado, buscando novos conceitos e novos significados na literatura deste renomado escritor, que se adéqua a uma nova análise socioespacial, que vai buscar *tornar explícita a ligação entre Geografia e Literatura, que nos permitirá ver algumas relações significativas que até agora nos escaparam.* (MORETTI, 1997, p.13).

Links para os mapas:

Setembro Não Tem Sentido (1968)

<https://maps.google.com.br/maps/ms?msid=206806774759602521611.0004df7278ce0d74607fc&msa=0>

Sargento Getúlio (1971)

<https://maps.google.com.br/maps/ms?msid=206806774759602521611.0004dfdaeb49f21f78533&msa=0>

Vila Real (1979)

<https://maps.google.com.br/maps/ms?msid=206806774759602521611.0004dfc5504b0498ed8b2&msa=0>

Viva o Povo Brasileiro (1984)

<https://maps.google.com.br/maps/ms?msid=206806774759602521611.0004e013e8923a199e50e&msa=0>

O Feitiço da Ilha do Pavão (1997)

<https://maps.google.com.br/maps/ms?msid=206806774759602521611.0004e00070627d7dfe462&msa=0>

O Sorriso do Lagarto (1989)

<https://maps.google.com.br/maps/ms?msid=206806774759602521611.0004e0206855399e03cd4&msa=0>

O Albatroz Azul (2009)

<https://maps.google.com.br/maps/ms?msid=206806774759602521611.0004df89513e9135728a9&msa=0>

Referências Bibliográficas

ALVES, Lizir Arcaño. *A cidade da Bahia no romance de Jorge Amado: dicionário topográfico*. Salvador: Casa da Palavra/FCJA, 2008.

AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos: Guia de ruas e mistérios*. Rio de Janeiro: Record, 1977.

ARAUJO, Jorge de Souza. João Ubaldo Ribeiro. IN: _____ Floração do Imaginário: O romance baiano do século XX. Itabuna\Ilhéus: Via Litteratum, 2008, p. 247-260.

DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1985.

FRANCO, Tássio. *A cidade da Bahia: Crônicas*. Salvador: FCJA, 2000.

GROSSMANN, Judith (org.) *O espaço geográfico no romance brasileiro*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, (Coleção Casa da Palavra), 1983.

MORETTI, Franco. Para uma geografia da literatura. IN: _____. Atlas do Romance europeu: 1800-1900. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, p. 13-19.

MOTA, Mauro. A geografia na literatura. In: _____. Geografia Literária. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961, p. 91-99.

OLIVIERI-GODET, Rita. Construções identitárias na obra de João Ubaldo Ribeiro. São Paulo: HICITEC; Feira de Santana, BA: UEFS Ed. ; Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

RIBEIRO, João Ubaldo. *O Sorriso do Lagarto*. Rio de Janeiro: Record, 1989

RIBEIRO, João Ubaldo. *Sargento Getúlio*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

RIBEIRO, João Ubaldo. *O feitiço da Ilha do Pavão*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1997.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Diário do farol*. São Paulo: Nova fronteira, 2002.

RIBEIRO, João Ubaldo . *Vila Real*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.